

# Cansados de guerra querem deixar o Onoyama

Cristina Ávila

Da equipe do **Correio**

Não é de hoje que a invasão do Parque Saburo Onoyama vem incomodando a vizinhança em Taguatinga Sul. Principalmente por causa das gambiarras. Os postes estão sobrecarregados com montes de fios trançados em estacas de três metros de altura e amarrados em travessas de madeira na ponta. Os próprios moradores da área irregular estão cansados das brigas. E querem que a favela seja removida.

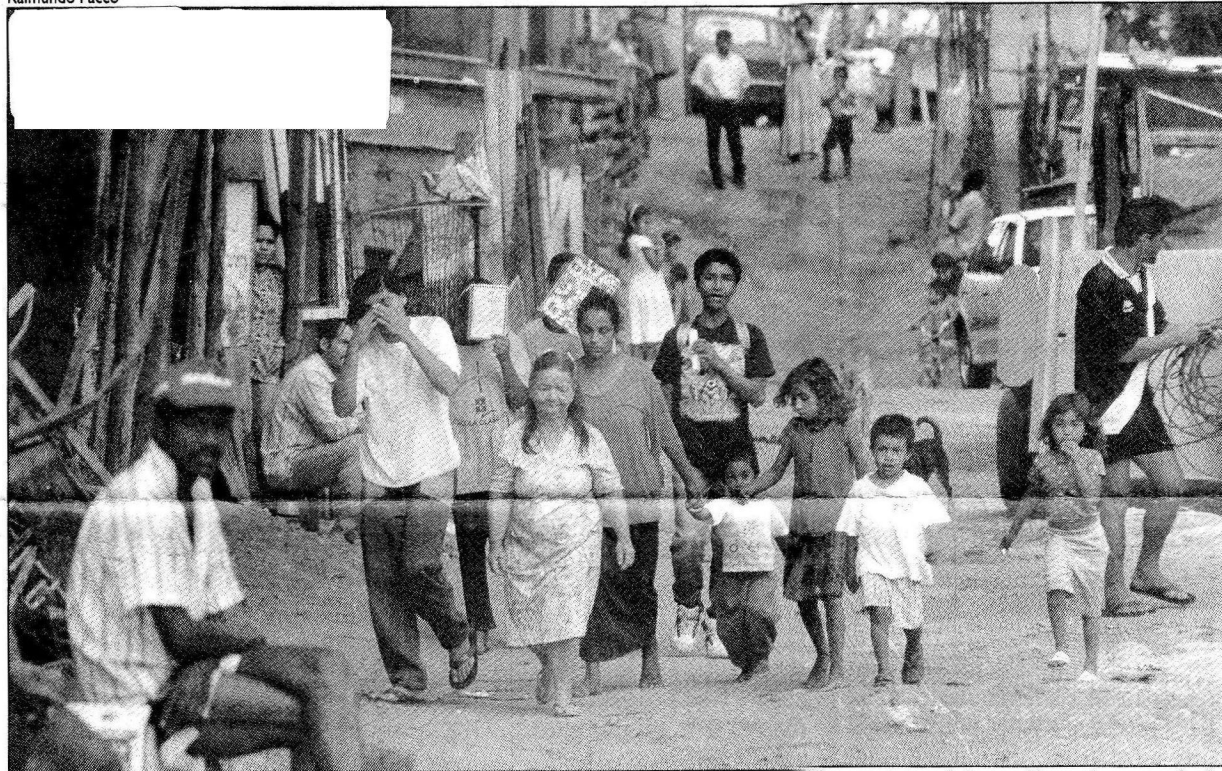
A confusão fica em frente às quadras QSD 22 e 24. A invasão tem cerca de 500 barracos. E, segundo um dos líderes dos invasores, Francisco das Chagas, “está crescendo cada dia mais”. Ele calcula que chegam duas famílias por dia, construindo novos casebres.

É possível que essa seja a massa humana mais pobre do Distrito Federal. Embora, como em todas as outras invasões, existam pessoas que estejam ali apenas por especulação imobiliária ou por interesses políticos. Mas a pobreza é evidente. Parece que na Saburo Onoyama a miséria é maior. Pessoas doentes circulam entre os casebres no meio do lixo. Alcoólatras e crianças desnutridas estão por toda parte.

## AMEAÇAS MÚTUAS

Nas quadras QSD 22 e 24, as pessoas preferem não se identificar. Mas todos

Raimundo Paccó



*O panorama no parque é de pura pobreza. Os moradores incomodam a vizinhança e também se dizem incomodados*

sabem sobre as ameaças de um lado para outro da rua. “Eles passam aqui chamando a gente de dedo-duro, prometem porrada ou dizem que vão desligar nossa energia. Essa gente da invasão pensa que nós é que os denunciaremos para a CEB (Companhia Energética de Brasília)”, diz um homem.

Mas os invasores também se sentem intimidados. “Hoje, nem fui trabalhar. Um morador lá da quadra

me ameaçou de morte. Só porque eu fui dar uma idéia, disse que tínhamos que entrar num acordo para fazer a ligação dos fios da energia”, queixa-se o carroceiro Francisco Agnone, 26 anos.

Diversas vezes a CEB desmanchou as gambiarras feitas para levar energia elétrica ao parque. Os técnicos iam acompanhados de policiais. Mas, à noite, as ligações

clandestinas eram refeitas.

Segundo a assessoria de imprensa da CEB, até a semana passada havia uma determinação judicial impedindo a empresa de fazer ligações de energia em áreas irregulares. A partir desta semana, porém, a situação será diferente. Os moradores da invasão já podem requerer a ligação na agência da CEB mais próxima de seu barraco. E, assim, se não houver nenhum impedimento

técnico, poderão ter luz em casa.

Mas o que os invasores do Saburo Onoyama querem mesmo é sair do local. A dona-de-casa Lazarina Magalhães, 46 anos, diz que mora no Parque Onoyama há três anos. “A gente não tem sossego, nem de dia, nem de noite. Sempre teve roubos, problemas com bebida, mas, com a chegada de mais gente, está cada dia pior. Queremos ir para o Areal.”

No início do ano, a proposta do governo era de que os próprios invasores controlassem as invasões, evitando que aumentasse o número de barracos e, em consequência, as dificuldades para solução do problema.

“Não temos como impedir que os barracos aumentem”, alega o pedreiro Geraldo José dos Santos, 44 anos. “E quanto mais aumentam, mais acontecem confrontos com a polícia, casos de drogas e prostituição. Para nós, mais barracos significa mais complicação. Mas o direito que nós temos de estar aqui, os novos também têm. A gente não tem como impedir de ficarem”

Há cerca de dez dias, a secretária de Habitação, Ivelise Longhi, esteve no parque. Ela quis conhecer a situação da invasão, mas não há ainda nenhuma perspectiva de transferência. A secretária, na realidade, estava mais interessada em conhecer o Parque Saburo Onoyama e analisar como ele poderá ser recuperado para uso de toda a população de Taguatinga.